



Televisão

Marco da Tupi

50 anos depois, cápsula do tempo de Flávio Cavalcanti será desenterrada

Urna enterrada no Museu Nacional guarda fita da TV Tupi e carta de Adolpho Bloch, fundador da Manchete



Flávio Cavalcanti fechou a cápsula do tempo no Rio de Janeiro com filmes do Brasil da época - Foto: Divulgação/Colorizada por computador



Sandro Nascimento

Publicado em 15/12/2021 às 04:00:00,

atualizado em 15/12/2021 às 11:41:06

Um dos maiores mistérios da TV brasileira está prestes a ser desvendado. Meio século após ter sido enterrada na Quinta da Boa Vista, diante do Museu Nacional, no Rio, finalmente será desenterrada e reaberta a urna lacrada durante uma solenidade apresentada por **Flávio Cavalcanti** (1923 - 1986) em seu programa na **TV Tupi** de 7 de janeiro de 1973. O resgate do material foi confirmado por um funcionário do museu ouvido pelo **NaTelinha**.

Nos últimos anos, algumas especulações foram feitas em torno dessa cápsula do tempo. Ela foi idealizada por Fernando Luís da Câmara Cascudo (1931 - 2013), primogênito de Luís da Câmara Cascudo (1898 - 1986), um dos maiores cientistas sociais de todos os tempos. O objetivo de Fernando era conservar registros do Brasil de 1972, ano em que o país comemorou o sesquicentenário de sua independência. A cápsula só poderia ser resgatada em 2022, quando o Brasil completará 200 anos como nação independente.

Segundo os jornais da época, a cápsula do tempo foi montada pelo Instituto Nacional de Tecnologia, que usou latão, acrílico e um material antimagnético. Dentro, estariam diversos objetos, tais como um disco com o Hino do Sesquicentenário da Independência, composto por Miguel Gustavo (1922 - 1972), uma cópia do Plano Nacional de Desenvolvimento, publicações da Bloch Editores e uma fita com o programa Participação, apresentado e dirigido por Fernando Cascudo, com o tema A Herança de uma Geração - Brasil 2022.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Cavalcanti lê a carta de Adolpho Bloch. Entre eles, está Fernando Cascudo - Foto: Reprodução

Esse especial, exibido pela Tupi às 23h de 8 de janeiro de 1973 incluiu depoimentos de **famosos como Chacrinha** (1917 - 1988), **Ciro Monteiro** (1913 - 1973), **Emerson Fittipaldi**, **Flávio Cavalcanti**, **Jairzinho**, **Luiz Gonzaga** (1912 - 1989) e **Rosemary**, além de políticos, profissionais liberais e gente comum. A atração contou também com reportagens sobre a indústria nacional, números musicais e imagens da Copa do Mundo de 1970 e da rodovia Transamazônica. "Mesmo sem ter assistido ao programa, já é possível afirmar, com base nas reportagens da época, de que se trata de uma produção com tom ufanista, em linha com aqueles tempos de ditadura militar e milagre econômico", analisa o professor **Fernando Morgado**, autor do best-seller **Silvio Santos - A Trajetória do Mito** e membro da **Television Academy**, entidade realizadora dos prêmios Emmy.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

VEJA TAMBÉM

Camila Queiroz pode voltar à Globo para Verdades Secretas 3



Carlos Alberto de Nóbrega revela aposentadoria de Silvio Santos: "Não volta mesmo"

A cerimônia

de fechamento da urna ocorreu durante o Programa Flávio Cavalcanti de 7 de janeiro de 1973. Diversas personalidades compareceram ao auditório carioca da Rede Tupi, localizado no prédio onde antes funcionava o Cassino da Urca. Uma dessas personalidades foi Adolpho Bloch (1908 - 1995).

Dono da editora que levava seu sobrenome, ele foi responsável por várias publicações memoráveis, com destaque para a Manchete, revista semanal ilustrada que desbancou O Cruzeiro, de Assis Chateaubriand (1892 - 1968). Em 1983, Bloch inaugurou a Rede Manchete de Televisão, que fazia história com suas novelas, telejornais e transmissões de carnaval.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Vamos transmitir agora, via Embratel, um programa para ser visto no ano de 2022. Não perca.

Você, no próximo dia 8, e seus netos, no ano de 2022, terão uma visão do Brasil de hoje. "A herança de uma geração".
Esse é o tema do programa "Participação", que a Rede Tupi de Televisão apresentará no dia 8, às 23 horas, a cores, para todo o país. O filme do programa vai ser encerrado numa urna especial, preparada pelo Instituto Nacional de Tecnologia.
Essa urna será depositada, solenemente, na Quinta da Boa Vista. E só será aberta daqui a 50 anos, quando o Brasil completar o 2.º centenário da sua Independência.
Então, os brasileiros de 2022 poderão ver a força que os brasileiros de 1972 fizeram para lhes deixar uma herança de desenvolvimento. Eles verão os 100 milhões em ação. A revolução brasileira em todos os campos. O futebol tri-campeão. A epopéia da Transamazônica. A nossa música. A industrialização do Norte e Nordeste. Nossos cantores e compositores. Os grandes nomes brasileiros nas artes e nas ciências.
O programa terá a participação especial do General Antônio Jorge Corrêa e do publicitário Luiz Macedo, representando a Comissão Nacional do Sesquicentenário.
Produzido por Akino Diniz.
É editado e apresentado por Fernando Câmara Cascudo.
Não perca. Você vai ver um programa feito com a seriedade e a responsabilidade de uma geração que deseja ser compreendida daqui a 50 anos.

REDE TUPI DE TELEVISÃO
Câmara Cascudo Produções Imagem e Som Ltda

Anúncio do

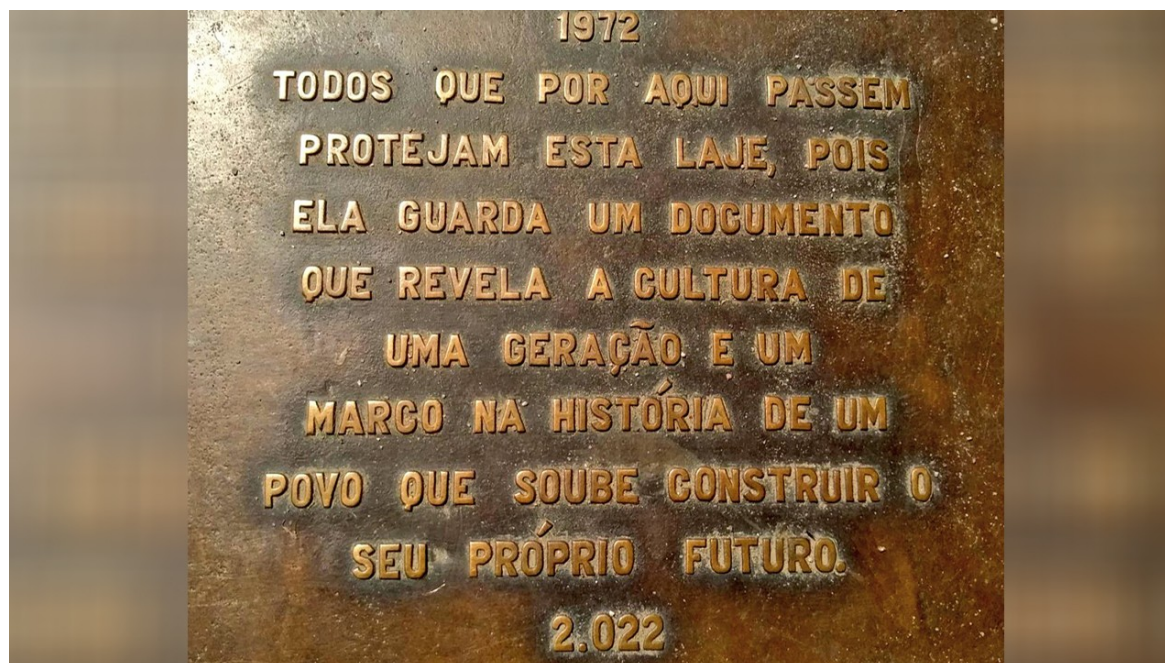
programa *Participação*, cuja cópia foi colocada na cápsula do tempo - Foto: Reprodução

Vestindo uma camisa quadriculada, Adolpho Bloch entrou no palco da Tupi segurando um punhado de fascículos, livros e revistas de sua editora. Bloch também levou uma carta assinada por ele próprio e que foi lida ao vivo por Flávio Cavalcanti. O título da mensagem era *Às Gerações do Ano 2022*.

Cheguei ao Brasil quando se comemorava o 1º Centenário de sua Independência. Escrevo esta carta meio século depois da minha chegada. Hoje, decorridos mais 50 anos, vocês estão festejando o 2º Centenário. Vi Brasília nascer e estender-se numa longa estrada até Belém, quando a floresta amazônica deixou de ser virgem. Vi os primeiros automóveis e navios construídos no Brasil, suas primeiras grandes fábricas, hidrelétricas, estradas. Vi nascerem a Transamazônica, a Siderúrgica, a Perimetral Norte, a Ponte Rio-Niterói. A minha riqueza sempre foi o otimismo e a lealdade com os amigos. Não sei se ainda existem revistas, mas, como editor, acredito ter lançado na minha época algumas das melhores publicações periódicas do Brasil. Deixo-lhes aí alguns exemplares. Sempre disse que a vida só é digna de ser vivida quando se faz alguma coisa pela vida em vida. Construí escolas, teatros, museus, sempre com a conta em vermelho, nos bancos. Tenho certeza de que minha obra continua. Pois o importante não é ser, nem ter, nem parecer. O importante é fazer, construir, desenvolver. Sejam todos felizes, neste País que tanto amei. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1973.

Adolpho Bloch

Valor histórico da carta do fundador da TV Manchete na cápsula do tempo de Flávio Cavalcanti



Placa de

bronze que marca o local onde está enterrada a cápsula do tempo - Foto: Reprodução

Para Fernando Morgado, essa carta possui grande valor histórico. "O texto está em sintonia com a imagem de Brasil Grande que os militares desejavam comunicar. Apesar disso, vale sublinhar a dúvida que Adolpho Bloch tinha sobre o futuro das revistas e a certeza de que sua obra continuaria. O tempo mostraria que ele estava equivocado nesses dois pontos. Passado meio século, o meio revista continua existindo, mas as Empresas Bloch não", comenta o professor.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

A carta e as publicações da Bloch Editores foram colocadas na cápsula do tempo, cujo enterro, na frente do Museu Nacional, aconteceu precisamente às 15h30 de 9 de janeiro, Dia do Fico, de 1973. A cerimônia foi comandada pelo general Antônio Jorge Correia, então presidente da Comissão Executiva Central responsável por coordenar as comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil.

O local da urna está marcado com uma placa de bronze, onde constam os seguintes dizeres: "Todos que por aqui passem protejam esta laje, pois ela guarda um documento que revela a cultura de uma geração e um marco na história de um povo que soube construir o seu próprio futuro."

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Fachada do

Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, em reforma - Foto: NaTelinha

O **NaTelinha** esteve na Quinta da Boa Vista, onde fica o Museu Nacional. O edifício, que serviu de residência oficial da família real, foi consumido pelo fogo em 2018 e passa por uma enorme restauração, prevista para ser concluída em setembro de 2022, mês em que o Brasil comemorará o bicentenário da independência.

De acordo com um funcionário do museu ouvido pela reportagem, a cápsula do tempo deve ser desenterrada juntamente com a reinauguração do museu. Esse mesmo funcionário também afirmou que várias pessoas tem ido à Quinta da Boa Vista com o objetivo de se aproximarem do local exato onde está a urna, mas, por conta das obras, o acesso ao público está proibido. Outro ponto importante é que ninguém sabe qual o estado de conservação da urna e dos materiais guardados dentro dela, inclusive a fita do programa da Rede Tupi.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

"Garanto que nenhuma das pessoas envolvidas nessa iniciativa imaginou que a cápsula seria desenterrada enquanto o mundo sofre os efeitos de uma pandemia violenta e diante de um Museu Nacional incinerado. É um cenário diametralmente oposto ao futuro de otimismo que se propalava. De todo modo, esse é mais um aspecto intrigante da história da TV brasileira, que se confunde com a história do próprio Brasil", conclui Fernando Morgado.